

ESPAÇO
PEDAGÓGICO

**DIÁLOGO COM
EDUCADORES**

Diálogo com educadores¹

Oswaldo Giacoia Junior

O Diálogo com educadores desta edição da *Revista Espaço Pedagógico* (REP) é com Oswaldo Giacoia Junior, Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2013. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1976), em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1976), tornou-se mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983) e doutor em Filosofia pela Freie Universität Berlin (1988). Realizou, ainda, cursos de pós-doutorado na Freie Universität Berlin (1993-1994), na Universidade de Viena-Áustria (1997-1998) e na Universidade de Lecce (2005-2006), Itália. Em suas pesquisas, tem se ocupado de temas como: teoria da cultura, ética pura e aplicada, filosofia do direito, filosofia social, política e da história, filosofia clássica francesa e alemã, especialmente com as obras de Augusto Comte, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche. Trata-se de um dos principais filósofos brasileiros que se ocupa da tradição filosófica, especialmente da filosofia moderna e contemporânea, e que tem mantido um importante diálogo entre filosofia e educação.

REP: *Professor Oswaldo, conte-nos a sua biografia e história formativa. Onde nasceu, como foi sua infância, como era o contexto cultural, social e político no período de sua formação?*

Oswaldo Giacoia Junior: Nasci em Ribeirão Claro, estado Paraná, cidade onde deu-se minha formação escolar até o final do então chamado período ginásial. Foi uma época em que a escola pública ainda era responsável por um ensino de ótima qualidade – embora aquele já fosse, infelizmente, o período final dessa condição do ensino público brasileiro. No final de 1968, transferi-me para São Paulo, onde deveria, seguindo o exemplo de meu pai, estudar Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Durante o secundário (então curso clássico, no Liceu

Recebido em: 15/04/2017 – Aprovado em: 03/09/2017
<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v24i3.7769>

Pasteur de São Paulo), tive minha primeira e decisiva experiência com a Filosofia, que, desde então, está presente em minha vida. Para satisfazer a expectativa de minha família em relação à carreira jurídica, foi-me imposta como condição para cursar Filosofia que fizesse duas graduações simultaneamente: Direito na USP e Filosofia na PUC. Minha dupla graduação deu-se entre 1972 e 1976. Foi um contexto político, cultural e social fortemente marcado pela ditadura militar, então ainda plenamente hígida. Vivi de perto a invasão da PUC pela Polícia Militar de São Paulo, o cerco à Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas também, no outro extremo, o processo de distensão, a abertura gradual e a atmosfera libertária que cercou a leitura pública da Carta aos Brasileiros. Iniciei a pós-graduação em Filosofia do Direito da USP, mas, a partir de 1978, decidi-me pelo mestrado em Filosofia. Em 1983, tornei-me mestre em Filosofia pela PUC-SP, sob orientação do professor Bento Prado Jr. – que retornara do exílio na França e, ainda proibido de lecionar na USP, como outros de seus colegas, foi então acolhido na PUC-SP, sob a égide do então cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns. Em 1984, segui com esposa e filha para a Alemanha (Berlim), onde completei o doutorado em Filosofia na Freie Universität Berlin (1988), com uma tese sobre a filosofia da cultura de Friedrich Nietzsche, sob orientação do Dr. Reinhart Maurer. Retornei ao Brasil, felizmente, já no restabelecimento da normalidade democrática.

REP: *Que experiências pedagógicas vivenciou e qual o perfil dos professores que mais lhe marcaram?*

OGJ: Quero mencionar, aqui, muito especialmente, o nome da professora Zelinda Casella, desde o início do curso clássico, que exerceu um papel decisivo em minha formação e em minha vida. Foi graças a ela, ao seu exemplo pessoal e à sua dedicação como docente, que entrei em contato com a Filosofia. Ela transmitiu não apenas a mim, mas a muitos outros colegas – posso dizer mesmo a várias gerações –, o senso de rigor necessário ao trato com conceitos, a consciência da importância do método para o exercício do pensamento teórico, a admiração pelo amplo fôlego especulativo e, o mais importante, a paixão pela Filosofia. Transmitiu-nos esmerada competência didático-pedagógica, aulas impecáveis, de uma seriedade ímpar, a postura imprescindível para a atividade científica: a professora Zelinda Casella nunca nos impingiu nenhum manual – ela exigia de nós a frequência atenta dos textos dos grandes filósofos, o estudo sistemático da história da filosofia. Já na graduação, Lauro Frederico Barbosa da Silveira, Ligia Fraga Moreira, Salma Tannous Muchail, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento e Madre Laura Fraga de Almeida Sampaio foram minhas grandes referências como mestres, como

intelectuais e como pessoas. Por eles e elas, fui introduzido nos grandes sistemas filosóficos. Quero destacar, ainda, os orientadores de mestrado e doutorado, que, mesmo durante a orientação, foram também grandes amigos, Bento Prado Junior e Reinhart Maurer; lembrar ainda os professores Jacob Taubes e Jörg Salaquarda, com quem tive o privilégio não somente de aprender doutrinas, conceitos, posições teóricas e metodológicas, mas também de verificar o que significa ser filósofo, e não somente professor de Filosofia. Junto a todos eles e elas, aprendi como a Filosofia pode e deve ser ensinada com rigor científico, como as referências à história da própria filosofia, ao rigor filológico e hermenêutico são fundamentais para o aprendizado filosófico, mas como não se pode deixar de relacionar as diferentes filosofias a seus contextos culturais e políticos, e à realidade social e histórica da qual emergem, e cujo sentido procuram apreender e formular conceitualmente. Esses mestres mostraram-me, portanto, por seus ensinamentos e por sua prática, que a referência da Filosofia à sua história é essencial, que a estrita análise conceitual não proíbe, senão que, pelo contrário, facilita e abre o horizonte para a hermenêutica, para a compreensão da importância do vínculo com a cultura, a sociedade e a tradição histórica.

***REP:** Como foi sua experiência como estudante de graduação e o que levou a escolher a Filosofia como campo de atuação, mesmo tendo se formado como bacharel em Direito?*

OGJ: A respeito de minha experiência de graduação, já mencionei alguma coisa anteriormente. Meu ciclo de graduação transcorreu num período politicamente difícil, no qual a atividade universitária tinha de ser muito persistente e inventiva para escapar às limitações de um regime político que, na prática, mantinha em suspenso as garantias constitucionais de direitos fundamentais e liberdades públicas. Houve, no entanto, experiências de reforma na estrutura curricular que foram tentativas de fazer face às agruras do tempo, isso tanto na Faculdade de Direito quanto na PUC, onde foi introduzido, por exemplo, um ciclo básico de formação comum para toda a universidade, visando incrementar a consciência crítica dos alunos e estreitar o fosso das especializações insulares. Posso dizer que nunca abandonei, de fato, o campo do Direito. Tanto assim que trabalhei como advogado durante seis anos, antes de dedicar-me inteiramente à docência e à pesquisa. Como já disse, meu início na pós-graduação foi em Filosofia do Direito, na USP; só depois é que migrei completamente para a História da Filosofia, sem, no entanto, nunca me distanciar muito do campo dos valores e das normas – é por isso que meu trabalho em Filosofia concentra-se tanto em História da Filosofia Moderna

e Contemporânea quanto em ética e Filosofia do Direito. Meus estudos e publicações, mesmo aquelas que se situam em domínios mais distantes desse campo de questionamento, mantêm estreitos vínculos com os problemas de normatividade. Levo muito a sério o ensinamento de Heráclito de Éfeso, segundo o qual o *ethos* é a morada do homem. A Filosofia é filha da *pólis*, que não pode existir sem referências axiológicas e, conseqüentemente, sem um campo de normatividade, que é tanto jurídica quanto política.

REP: *Quais foram os principais autores de referência em sua formação e qual a razão que o levou a aprofundar os estudos e as investigações em Nietzsche?*

OGJ: Os principais autores de referência em minha formação foram Platão e Aristóteles, naturalmente, mas também Immanuel Kant, René Descartes, Augusto Comte, Arthur Schopenhauer, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche. Poderia mencionar ainda muitos outros, clássicos e contemporâneos, a quem dediquei e dedico vários anos de estudo e reflexão, como David Hume, Baruch de Spinoza e Martin Heidegger. Alguns deles, no entanto, sobretudo Nietzsche, têm ocupado o maior tempo de minha vida.

REP: *Como concebe o papel da docência e, de modo especial, o papel do docente filósofo na educação atual?*

OGJ: Para mim, é essencial o vínculo entre docência e pesquisa. Uma vertente se nutre substancialmente da outra. A pesquisa isolada tende à especialização e à esterilidade, enquanto que a docência isolada tende à estagnação intelectual. Acredito e pratico a síntese de ambas. A docência, como experiência viva em sala de aula, como ensino, transmissão de experiência, assistência, orientação e formação, é, para mim, uma atividade das mais fecundas e gratificantes. Considero-a fundamental, do ponto de vista acadêmico, social, político e ético. O(a) docente filósofo(a), se é alguém efetivamente comprometido com o que faz (afinal, Filosofia é a escola do pensamento independente), é também alguém preparado(a) para a reflexão e para a crítica, portanto, capaz de promover, em sentido pleno, a emancipação de posturas inveteradas de tutela intelectual e vassalagem política, um trabalho efetuado tanto em si mesmo como com os outros e para os outros.

REP: *Qual a produtividade do pensamento de Nietzsche para a crítica à cultura e à educação da atualidade?*

OGJ: É conhecida a definição por Nietzsche de filósofo: este é a má consciência de seu tempo. Justamente por não estar a serviço das exigências de seu tempo, por não coincidir inteiramente com elas, por não sujeitar-se ao que se impõe como pretensa verdade absoluta, mas por questionar intransigentemente seus títulos de crédito, mantendo em relação aos autodenominados “bons e justos” sempre uma distância crítica, ele pode perceber as limitações, as pretensões camufladas de domínio, as tentações totalitárias dissimuladas, mas também os pontos de fissura, nos quais se inserem perspectivas de futuro, chances de recriação de novas formas de vida, mais livres, mais ricas, promessas de sentido. Num tempo em que tudo parece submetido à “administração total dos interesses e rendimentos”, como dizia Nietzsche, em que as pessoas e as coisas parecem peças e engrenagens na impessoalidade do “pensamento único”, unificadas pela crença na utilidade, funcionalidade, produtividade como valores cardinais, isto é, integradas na grande mobilização da produtividade mercantil como o movimento supremamente necessário, a maior contribuição que Nietzsche pode dar à educação na atualidade é sua insistência no valor insubstituível da singularidade, da personalidade autêntica, da formação como caminho para si mesmo. Nietzsche foi um dos primeiros a colocar sob suspeita precisamente essa unanimidade: a figura do último homem é a caricatura irônica desse estado de coisas. Os últimos homens – que somos nós – são aqueles que “inventaram a felicidade”, razão pela qual consideram-se como o “fim da história” e a meta última do desenvolvimento histórico da humanidade. Nietzsche anteviu e analisou esse movimento como a operação de uma vontade de poder coletiva que coloca a serviço de seus interesses a forma que o homem dá a si mesmo nesse momento da história: a forma do último homem, que alegoriza a banalização do humano.

REP: *Qual é o espaço da tragédia na educação atual?*

OGJ: Acredito que o espaço da tragédia na educação atual é aquele no qual pode ser reencenado o drama do sentido da dor. Nietzsche também nos chama a atenção para isso: mais penosa do que a dor da falta de sentido é a falta de sentido da dor. A tragédia, em sua essência, é a dramatização do problema da dor e de seu sentido. Numa sociedade como a nossa, em que o hedonismo vulgarizado e a banalização da felicidade constituem a ideologia dominante, na qual o sumo bem dos sistemas éticos transformou-se na maximização da espiral do consumo, o drama que a verdadeira tragédia põe em cena tornou-se dificilmente suportável. Essa impossibilidade dá bem à medida de nossa fragilidade, de nossa incapacidade de suportar experiências como a frustração, que, no entanto, são inseparáveis da

vida. Daí nossa necessidade crônica de subterfúgios e narcóticos de toda espécie, não somente daqueles que a indústria farmacêutica coloca à disposição dos consumidores.

REP: *Em diversos textos seus, o senhor atribui um papel pedagógico à Filosofia. Pode esclarecer este papel?*

OGJ: Também a respeito desse papel pedagógico da Filosofia, penso que Nietzsche tem muito a nos ensinar. Para Nietzsche, a transformação da Filosofia em especialidade, de acordo com o cânon da divisão social do trabalho universitário, significa seu confinamento nos limites estreitos das disciplinas curriculares e, portanto, sua rendição às potências estabelecidas do mercado e do Estado. Essa autodemissão do pensamento crítico leva à ruína da virtude formadora e emancipatória da Filosofia. Esse é justamente o nosso principal perigo, pois continua valendo o que Nietzsche disse em suas *Considerações extemporâneas*: “o que os negociantes querem, quando exigem incessantemente educação e cultura, é sempre, no final das contas, lucro”. Algum tempo mais tarde, Theodor Adorno retomou essa colocação de Nietzsche em sua própria concepção de Filosofia: também para Adorno, a verdadeira Filosofia é uma dimensão do espírito que não se deixa instrumentalizar, que não serve para nada e, justo por causa disso, também não serve a nada, razão pela qual pode conservar sua vocação libertária.

REP: *Qual a importância do pensamento clássico e, de modo especial, do pensamento moderno, na formação contemporânea? A paideia grega, a humanitas latina e a Bildung moderna são ainda importantes referenciais para a educação contemporânea?*

OGJ: Minha resposta para esta pergunta é inteiramente afirmativa. A força e a fecundidade do legado que herdamos da tradição constituem uma dimensão fundamental para a educação contemporânea. Mesmo quando, à luz das fantasias e distopias do presente, argumenta-se com o esgotamento do projeto político da modernidade, com o fim do humanismo como potência civilizatória e sua superação pelos pós e trans-humanismos que disputam a cena do debate cultural, só se pode efetivamente pensar em superação e ruptura sob a base de uma tradição comum solidamente firmada. Portanto, sem a reapropriação pensante do que incorporamos da *paideia* grega – e de toda a herança da antiguidade clássica, helênica e latina –, bem como sem os aportes da *Bildung* moderna, é impossível compreender quem

efetivamente somos; conseqüentemente, o mesmo vale em relação à compreensão da direção que trilhamos e das metas para as quais nos dirigimos.

REP: *Que possibilidade o senhor vislumbra para a educação diante do crescente predomínio da racionalidade técnica, fria e planificadora?*

OGJ: O predomínio incontrastado da racionalidade técnica e instrumental, nas condições vigentes na educação contemporânea, acarreta um risco considerável de transformação da cultura em semicultura e pseudocultura, ou seja, em barbárie civilizada. Tendo como parâmetro único de julgamento e avaliação a rentabilidade econômica, a cultura pode ingressar num movimento de rebaixamento de valor e de regressão extremamente perigoso, capaz de promover a desertificação mental e emocional e, com ela, inclusive, trazer de novo à luz formas monstruosas de dominação e instrumentalização.

REP: *Em seu exercício de filósofo e pesquisador, sempre procurou estabelecer interlocuções com diferentes autores e diferentes áreas do saber, configurando uma prática interdisciplinar? Qual a importância da prática interdisciplinar na formação atual e que papel cabe à Filosofia nesta prática?*

OGJ: A meu ver, não se pode fazer Filosofia senão em relação e diálogo constante com as ciências, as técnicas e as artes. Pessoalmente, não vejo como se poderia prescindir da literatura no estudo da Filosofia, é como se a retirássemos para fora de seu elemento, de sua atmosfera vital. Filosofia amputada de seu contexto político e cultural é pseudofilosofia. Penso que a Filosofia poderia contribuir, na prática interdisciplinar e na formação atual, como um território no qual podem ser estabelecidas mediações frutíferas.

REP: *Do seu ponto de vista, estamos assistindo à despedida da *Bildung* ou ao seu renascimento?*

OGJ: Penso que estamos nos aproximando perigosamente de uma situação em que a *Bildung*, tal como foi entendida e praticada, está muito seriamente ameaçada em sua existência e em suas perspectivas de futuro. Mas tenho também confiança, tal como Hölderlin, em que “onde cresce o perigo, cresce também aquilo que salva”. Para tanto, muito vai depender de que sejamos capazes de fazer a experiência do perigo como perigo.

REP: *De toda a sua produção intelectual, o que considera mais relevante e de que produção mais gosta?*

OGJ: Pergunta muito difícil de responder. Creio que sou muito suspeito para fazê-lo adequadamente.

REP: *Qual sua consideração final desta entrevista?*

OGJ: Quero agradecer, de todo coração, à *Revista Espaço Pedagógico* pela oportunidade e pelo privilégio que me foi generosamente concedido com esta entrevista. Ela ensinou-me a oportunidade de refletir sobre minha trajetória e, assim, recuperar *a posteriori* muita coisa que, à sua época, não estava suficientemente claro para mim mesmo.

O presente Diálogo com educadores contou com a mediação, em nome da *Revista Espaço Pedagógico*, do Prof. Dr. Eldon Henrique Mühl, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.